

A grande ausente



José Sarney,
membro da ABL

NO BRASIL, nunca a política externa fez parte da política interna. As relações internacionais estão, na maioria das vezes, ao nível de relações diplomáticas, bilaterais e quando muito uma quermesse de reuniões em que predominam os comunicados finais.

O mundo vive um instante contraditório. É o mais longo período de crescimento da economia, da revolução da informática, e por outro lado uma liderança unipolar onde os Estados Unidos exercem uma liderança incontestável e incontestável. Desenhavam-se vários cenários futuros perguntando se essa liderança se consolida numa estratégia de gigantesco crescimento econômico, perde substância dividindo o poder com a China, Europa unificada incluindo a Rússia, ou se teremos uma outra solução traumática para surgir uma ordem mundial multipolar.

A China e a Índia com um crescimento em níveis altos constituirão economias de pri-



meira linha, com algumas profecias de que até o ano 2015 podem igualar-se aos Estados Unidos.

A América Latina vive um momento de contorção com alguns sinais de recuo no processo da integração. O México e a América Central desgarram-se para através do Nafta (o Tratado de Livre Comércio) terem economias satelizadas com os EUA. Resta a América do Sul, com problemas sérios de inserção na

globalização, e aí vem o Brasil com a difícil tarefa de consolidar sua liderança sul-americana. Para isso precisa crescer, melhorar suas condições internas de segurança e justiça social, enfim, preparar-se para ser um interlocutor com influência nas decisões mundiais.

O processo de integração, concebido através do Mercosul, está em fase de estagnação e com uma tendência a politi-

zar-se — o que é um mal irreparável. Quando nós o concebemos, a única cláusula política era de que os integrantes fossem países democráticos.

Outro fator mais que importante para a América do Sul é a característica de ser um subcontinente pacífico, livre de corridas armamentistas e de armas nucleares. Durante meu governo, por proposta nossa, foi declarada pela ONU a Zona de Paz do Atlântico Sul. Agora, com o desejo da Venezuela em tornar-se potência militar, esse equilíbrio pode romper-se e o Brasil não pode deixar suas Forças Armadas em situação de inferioridade, sob pena de alienarmos a soberania nacional.

Sob esse quadro, até hoje, no meio da campanha presidencial, ninguém tratou de política externa. Como o Brasil deve inserir-se no contexto internacional e que estratégia adotará?

Esse tema é o grande ausente da campanha eleitoral.